



“LUZ PARA A RUA E ESCURIDÃO PARA DENTRO”: IMIGRAÇÃO, TRABALHO E SAÚDE MENTAL

"LUZ EN LA CALLE Y OSCURIDAD DENTRO": INMIGRACIÓN, TRABAJO Y
SALUD MENTAL

"LIGHT ON THE STREET AND DARKNESS INSIDE": IMMIGRATION, LABOR
AND MENTAL HEALTH

Vanessa Ruffatto Gregoviski¹
Greice de Moraes Ortigara²
Aline Pereira Soares³
Janine Kieling Monteiro⁴

RESUMO: A migração é um assunto em voga, assinala-se sua ocorrência na busca por oportunidades de trabalho. Recentemente, a migração venezuelana ao Brasil se intensificou, levando ao questionamento sobre condições laborais que estão expostos. Entende-se que a saúde mental dos sujeitos está atrelada às experiências laborais, sendo pertinente analisá-las. Esse artigo objetivou compreender como as vivências de trabalho podem impactar na saúde mental, através de um estudo de caso qualitativo, longitudinal e exploratório, desenvolvido a partir da vivência de uma venezuelana domiciliada no Sul do país. Os encontros foram ao decorrer de dois anos, e os instrumentos foram um questionário sociodemográfico, entrevistas semiestruturadas e a construção de uma linha da vida laboral. Luz (nome fictício), 53 anos, considera-se imigrante e é pedagoga, tendo atuado como professora e empresária na Venezuela. No Brasil, recebeu a oportunidade de inserção profissional em espaços que não condiziam com sua formação e, depois de um tempo, optou por voltar a gerir seu negócio, que foi fechado em decorrência da pandemia. Para ela, o sentido do trabalho adquiria sentido financeiro, de afeto no contato com outros sujeitos, e dignificação humana. Assim, suas vivências foram fonte de prazer e sofrimento, destacando-se que após a pandemia somente experienciou sofrimentos ao se deparar em uma situação de desemprego. Como vivências de prazer surgiram o reconhecimento e satisfação, a autonomia, a afetividade e o retorno financeiro. Já como de sofrimento, a impotência, a inexperiência, o cansaço, o sentimento de inferioridade e o próprio desemprego. Para lidar com isto, Luz utilizou mecanismos de racionalização, negação, e o enfrentamento das angústias por intermédio da solidariedade e apoio. Isto causou impactos em sua saúde mental, com relatos de sintomas psíquicos e físicos. Logo, percebe-se a importância da discussão da tríada saúde mental-trabalho-migração para adequada qualificação de profissionais que atuam no cuidado a essas pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração; Venezuela; Saúde mental; Psicodinâmica do Trabalho.

RESUMEN: La migración es un tema emergente, su ocurrencia se destaca en la búsqueda de oportunidades laborales. Recientemente, la migración venezolana a Brasil se ha intensificado, lo que genera dudas sobre las condiciones laborales a las que están expuestos. Se entiende que la salud mental está ligada a las experiencias laborales, y es pertinente analizarlas. Este artículo tuvo como objetivo comprender cómo las experiencias laborales pueden impactar la salud mental, a través de un estudio de caso cualitativo, longitudinal y exploratorio, desar-

¹ Bacharel em Psicologia pela Universidade de Passo Fundo. Especialista em Saúde Mental pela Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Atualmente, é mestranda em Psicologia Clínica na Universidade do Vale do Rio dos Sinos com bolsa PROSUC/CAPES; é pesquisadora no grupo LABORClínica - Laboratório de Psicologia Clínica do Trabalho. vane.ruffatto2@hotmail.com

² Graduanda em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Pesquisadora voluntária sobre a temática de saúde mental do trabalhador migrante. greice.morais.ortigara@gmail.com

³ Mestranda em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Possui graduação em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Especialista em Saúde Pública pela Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul. Especialista em Gestão da Saúde pela UFRGS. alinepsoares@hotmail.com

⁴ Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. Possui graduação, mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professora Titular na Graduação, no Mestrado e no Doutorado em Psicologia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, onde coordena o LABORClínica - Laboratório de Psicologia Clínica do Trabalho. Também é professora no Mestrado Profissional em Enfermagem da UNISINOS. janinekm@unisinobr



rollado a partir de la experiencia de una venezolana residente en el sur del país. Los encuentros se desarrollaron a lo largo de dos años, y los instrumentos fueron un cuestionario sociodemográfico, entrevistas semiestructuradas y la construcción de una línea de vida laboral. Luz (nombre ficticio), 53 años, se considera inmigrante y es pedagoga, habiendo trabajado como docente y empresaria en Venezuela. En Brasil, recibió la oportunidad de inserción profesional en espacios que no coincidían con su formación, así, decidió volver a administrar su negocio, cerrado como consecuencia de la pandemia. Para ella, el significado del trabajo adquirió significado económico, afecto en el contacto con otros y dignidad humana. Así, sus vivencias fueron fuente de placer y sufrimiento, destacando que en la pandemia solo experimentó sufrimiento, ante una situación de desempleo. Las experiencias de placer fueron reconocimiento y satisfacción, autonomía, afecto y retorno económico. En cuanto al sufrimiento fueron impotencia, inexperiencia, cansancio, sentimiento de inferioridad y el propio desempleo. Para hacer frente a esto, Luz utilizó estrategias de racionalización, negación, solidaridad y apoyo. Esto tuvo un impacto en su salud mental, con informes de síntomas físicos y psíquicos. Por tanto, se percibe la importancia de discutir la triada salud mental-trabajo-migración para la adecuada cualificación de los profesionales que laboran con ellos.

PALABRAS CLAVE: Inmigración; Venezuela; Salud mental; Psicodinámica del trabajo.

ABSTRACT: Migration is a trend, its occurrence is highlighted in the search for work opportunities. Recently, Venezuelan migration to Brazil has intensified, leading to questions about the working conditions they are exposed to. It is understood that their mental health is linked to work experiences, and it is pertinent to analyze them. This article aimed to understand how work experiences can impact mental health, through a qualitative, longitudinal and exploratory case study, developed from the experience of a Venezuelan woman living in the South of the country. The meetings took place over two years, and the instruments were a sociodemographic questionnaire, semi-structured interviews and the construction of a working life line. Luz (fictitious name), 53 years old, considers herself an immigrant and is a pedagogue, having worked as a teacher and businesswoman in Venezuela. In Brazil, she received the opportunity of professional insertion in spaces that did not match her training and, after a while, she decided to go back to managing her business, which was closed as a result of the pandemic. For her, the meaning of work acquired a financial meaning, affection in contact with other subjects, and human dignity. Thus, her experiences were a source of pleasure and suffering, highlighting that after the pandemic she only experienced suffering when faced with an unemployment situation. As experiences of pleasure, recognition and satisfaction, autonomy, affection and financial return emerged. As for suffering, impotence, inexperience, fatigue, the feeling of inferiority and unemployment itself. To deal with this, Luz used mechanisms of rationalization, denial, and coping with anguish through solidarity and support. This had an impact on her mental health, with reports of psychic and physical symptoms. Therefore, the importance of discussing the mental health-work-migration triad for the adequate qualification of professionals who work in the care of these people is perceived.

KEYWORDS: Immigration; Venezuela; Mental health; Psychodynamics of Work.

1 INTRODUÇÃO

A migração - compreendendo-se aqui as diversas experiências migratórias como o refúgio, a imigração involuntária, a imigração laboral, os vistos humanitários e outras - é um fenômeno que sempre se fez presente ao longo da história. Notoriamente em pauta, ganha cada vez mais presença conforme há o aumento dos deslocamentos forçados pelas crises oriundas do sistema neoliberalista que predomina no mercado global, atentando-se para o número aproximado de 82,4 milhões de pessoas na condição de deslocados forçados. Destes, pontua-se que há um crescente aumento do fluxo migratório de imigrantes e refugiados venezuelano, especialmente direcionado ao Brasil e em busca de oportunidades de trabalho (BAUMAN, 2017; SILVA et al., 2020; UNHCR, 2020).

Logo, na busca por melhores condições psicossociais e de ofertas de emprego, muitos podem se encontrar em uma situação de vulnerabilidade agravada, invariavelmente impactan-

do a saúde psíquica desses migrantes. Pesquisas reforçam que boa parte deles está exposta a condições laborais precárias, em que há uma superexploração do trabalhador estrangeiro, fazendo com que trabalhe, até mesmo, em condições análogas à escravidão. Portanto, é essencial compreender como as vivências de trabalho podem influenciar a saúde mental, sendo sagaz analisá-las para que adequadamente se criem propostas de cuidado intersetorial (EBERHARDT, MIRANDA, 2017; LEÃO et al, 2017; HENRICH, MONTEIRO, 2018; CÁ, MENDES, 2019).

Esse cenário se torna mais temerário com a pandemia da COVID-19. No cenário brasileiro, diante de políticas governamentais pautadas no negacionismo e em inefetividade, a vulnerabilidade daqueles sem tantos recursos (financeiros e de suporte) se torna mais acentuada. No caso de migrantes, cabe-se citar a dificuldade de comunicação, desconhecimento sobre acessibilidade a serviços de saúde e proteção social, distância de familiares e maior exposição aos agravos laborais, mencionando-se a possibilidade de aumento do desemprego e inserção em postos laborais informais (subemprego) (RIBEIRO, 2009; PRADO et al., 2020; RODRIGUES, CAVALCANTE, FAERSTEIN, 2020).

A partir disso, coloca-se a necessidade de aprofundamento na análise sobre a interface entre saúde mental e trabalho no contexto migratório, especialmente em um cenário de pandemia. Assim, por ser uma teoria de cunho clínico, embasada tanto na Psicanálise quanto na Teoria Social, a Psicodinâmica do Trabalho (PdT) permite o estudo das relações laborais e como se associam com a saúde mental dos trabalhadores. Dejours (2017) traz que “a relação com o trabalho nunca é neutra no que se refere à saúde mental” (DEJOURS, 2017, p. 15), podendo produzir saúde ou a sua degradação. Compreende-se que o trabalho é constituinte do sujeito e fundamental na construção da identidade. Dessa forma, a abordagem da PdT orienta este artigo em sua discussão teórica (MENDES; ARAUJO, 2012).

Um dos principais conceitos da PdT é o do sentido do trabalho, sendo necessário abordá-lo para aprofundamento quanto às vivências dos sujeitos. O sentido do trabalho diz respeito ao modo como a pessoa compreende seu trabalho, qual o lugar que o ato de trabalhar ocupa em sua vida e como influencia em sua saúde. Pode-se definir sentido do trabalho como a representação que é construída pelo próprio trabalhador, sendo que esta pode ser uma construção que ocorre tanto de forma coletiva quanto individual (LANCMAN, UCHIDA, 2003; COSTA, 2013; TOLFO, 2015).

Aliado a esse conceito, estão as vivências laborais, que podem ser ora de prazer, ora de sofrimento. Há o entendimento psicodinâmico de que o sofrimento é um sentimento inerente ao trabalho, fazendo-se presente porque há o confronto com a realidade que se apresenta. Po-

rém, o sofrimento não é sinônimo de adoecimento já que, quando aliado à mobilização dos sujeitos e/ou coletivos de trabalhadores, pode se tornar o que é chamado de sofrimento criativo, que possibilita a transformação daquilo que causa incômodo. Ademais, coloca-se que se o sofrimento estiver conectado a estratégias eficazes, pode ser um potente agente contra impactos neoliberais ante a precarização do trabalho. Mas, por conseguinte, quando surge de forma que a ressignificação não é possível, torna-se patogênico, provocando sofrimentos intensos e possíveis adoecimentos psíquicos (MENDES, 2007; FERREIRA, MACÊDO, MARTINS, 2015; VON BOROWSKI et al, 2017).

Em contrapartida, as vivências de prazer laborais surgem na medida em que há engajamento no trabalho e mobilizações que busquem ressignificar o sofrimento, logo, transformando-o. Compreende-se que o prazer pode se expressar das mais diversas formas, e deve ser considerado como um indicador de saúde, visto constituir de uma maneira saudável a subjetividade do trabalhador (MENDES, 2007; FREITAS, AUGUSTO, MENDES, 2014).

Pode-se entender que o processo de ressignificação dos sofrimentos tem como via as estratégias de mediação, que podem ser tanto individuais como coletivas, mas que surgem conforme o contexto em que se insere. Elas se constituem como a forma utilizada pelas pessoas para apaziguar ou enfrentar suas angústias. Assim, as estratégias podem ter tanto um caráter defensivo quanto de enfrentamento. As estratégias defensivas se caracterizam pela tentativa de minimização do sofrimento através da recusa dele, sendo frequentemente mais atreladas a um possível adoecimento, enquanto as de enfrentamento agem como mobilizadoras para a mudança, sendo percebidas como possibilidades de promoção de saúde mental (MENDES, 2007; FREITAS et al., 2014; VON BOROWSKI et al., 2017).

Coloca-se que esse artigo analisa um estudo de caso de forma longitudinal, sendo derivado da dissertação da primeira autora e que traz resultados oriundos de escutas com uma venezuelana que reside na região Sul do Brasil. Esses espaços desenvolvidos com a participante tiveram tanto um propósito prático (com a construção de um momento de escuta sobre aspectos laborais aliados à migração), quanto um propósito teórico (que foi o de compreender como as vivências de trabalho podem impactar na saúde mental da venezuelana entrevistada conforme suas próprias percepções). Esse trabalho tem como objetivo geral compreender como as vivências de trabalho podem impactar na saúde mental de uma imigrante Venezuela. E como objetivos específicos analisar o sentido do trabalho para a venezuelana, as vivências de prazer e sofrimento laborais, as estratégias de mediação utilizadas por ela diante de tais vivências, e os impactos em sua saúde mental, conforme o que percebe. Ainda, assinala-se que essa discussão levará em conta as implicações da pandemia nessa dinâmica.

2 MÉTODOS

É um artigo qualitativo, exploratório e longitudinal, que estuda o caso de uma imigrante venezuelana que reside no Rio Grande do Sul. Os dados foram coletados ao longo de dois anos, com quatro encontros (três no primeiro ano e um no segundo ano), com conversas que tiveram a duração aproximada de uma hora e meia cada. Todos esses momentos foram focados na análise da narrativa da própria imigrante, com questionamentos semiestruturados que direcionaram a uma melhor investigação sobre aspectos laborais e da saúde mental diante do contexto migratório em específico.

Coloca-se que esse trabalho se deu início como uma prática clínica, atrelada à uma disciplina do Mestrado, e seguiu como parte da dissertação da pesquisadora. Assim, para o devido seguimento da proposta, o vínculo foi um aspecto fomentado, para que se proporcionasse um espaço, tanto material quanto simbólico, que fosse acolhedor e respeitoso com a entrevistada. Utilizaram-se como instrumentos disparadores um questionário sociodemográfico, entrevistas semiestruturadas e a técnica da linha da vida laboral, em que se constrói uma linha do tempo focada nas experiências de trabalho do sujeito, técnica esta que possibilita que se dialogue sobre as experiências passadas e atuais.

Coloca-se que os procedimentos éticos foram respeitados desde o contato inicial com a participante, até a divulgação científica da experiência. Luz, nome fictício escolhido por ela própria para identificação nesse estudo, concordou com os objetivos propostos pelo trabalho e assinou duas cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (disponível em português e espanhol). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob parecer nº. 3.911.316 (CAAE 28372920.3.0000.5344). Todos os encontros foram gravados e transcritos para fidedigna análise de dados. Por fim, coloca-se que para interpretação, utilizou-se análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2011).

No que diz respeito a estruturação dos encontros, dispõem-se que: Em um primeiro momento, realizou-se o questionário sociodemográfico, permitindo que pesquisadora e participante se habituassem. Em seguida, foi realizada uma escuta não direcionada, analisando-se tópicos considerados centrais para a condução dos encontros (experiências frente ao trabalho, percepção da influência em sua saúde física e psíquica, sentido do trabalho e o que ele representa em sua vida, sentimentos que despertam com essas vivências, estratégias de inserção laboral, redes de apoio formais e informais, estratégias construídas para lidar com essas dificuldades, fatos importantes que marcaram suas experiências laborais, planos para o futuro,

entre outros). No segundo encontro, findou-se a construção da linha da vida laboral, refletindo sobre aquelas experiências de maneira mais aprofundada e investigando como aquilo fez com que se sentisse, e como influenciou ou influencia sua vida. O terceiro encontro foi marcado pelo aprofundamento dos tópicos mencionados anteriormente e encerramento, no qual ocorreu uma devolutiva de ambas as partes e encaminhamento a cuidado em saúde mental. E, por último, um novo contato foi feito com a entrevistada e se agendou o quarto encontro, ocorrido de forma totalmente virtual em decorrência da pandemia do novo Coronavírus; neste, foram realizados novos questionamentos para investigação de como essas questões se apresentavam diante de um cenário de crise sanitária. Destaca-se que a última conversação ocorreu em meados de abril de 2020, época inicial da pandemia na região.

2.1 Caracterização da Participante

Luz tem 53 anos, nasceu e cresceu na Venezuela, país do qual guarda boas memórias e lamenta ter saído. Considera-se “morena” quando questionada sobre cor/raça, e vive na região metropolitana do estado do Rio Grande do Sul há quatro anos. Conta que optou por migrar porque seu filho a convenceu, após perceberem que a situação socioeconômica da Venezuela estaria ficando mais grave.

Quando questionada sobre o seu status de migração, Luz conta que chegou ao Brasil e solicitou asilo como refugiada, o que foi concedido a ela. Porém, recentemente, teve a oportunidade de solicitar residência permanente em um processo sem custos financeiro, e o fez, possuindo um visto semipermanente e se considerando uma imigrante.

No que se refere a estudos e trabalho, Luz é pedagoga (licenciada em Pedagogia), porém não realizou o exame de revalidação brasileiro dada a dificuldade de obtenção de documentos comprobatórios em seu país de origem. Já trabalhou em diversos ramos. Conta que fazia faculdade, mas precisou abandoná-la quando engravidou e, por ser mãe solteira, optou por focar no trabalho por alguns anos antes de retornar aos estudos. Ela começou sua trajetória profissional trabalhando na indústria petroleira, como analista, e depois conciliou o trabalho de professora com o de empresária.

Quando migrou para o Brasil, fala que houve um “choque imenso”, com dificuldade para se inserir em um trabalho menos precarizado, mas quando conseguiu se organizar, começou a dar aulas de espanhol e iniciou um negócio com o filho, um restaurante de comida típica venezuelana. O restaurante foi o local de encontro escolhido nos três momentos iniciais; era um lugar pequeno, mas que transparecia o cuidado em todos os pequenos detalhes.

Luz afirma que ainda não consegue se comunicar em português sem sotaques, mas compreende muito bem e é compreendida. Além disso, conhece um pouco do inglês. Sua língua nativa é a espanhola, a qual ainda utiliza muito, especialmente com familiares ou amigos de nacionalidade latino-americana. Luz também relata que jamais recebeu nenhum tipo de apoio ou acompanhamento em locais ou com profissionais de saúde mental, mas tem a percepção de que necessita apoio psicológico e refere ser “luz para a rua, escuridão para dentro” (em suas palavras).

Após a pandemia, a vida de Luz, novamente, adquiriu rumos desconhecidos. Quando seu restaurante estava em um período de ascensão, com planos para expansão, viu-se obrigada a fechá-lo, em decorrência dos gastos ocasionados pelo fechamento de comércios por causa da COVID-19, além do próprio medo da contaminação pelo vírus. A ruptura dessa vivência, assim como o estresse adquirido ao perceber o acúmulo de despesas imobiliárias, gerou sofrimentos imensuráveis. Durante o período da pesquisa, como forma de tentar obter alguma sustentação econômica, recorreu a subempregos, planejando a entrega de comidas por aplicativos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Luz relata vivências de ruptura ao se deslocar para o Brasil. Ela, pedagoga, refere ter se sentido como uma analfabeta pela não compreensão do idioma: “é um choque que se apresenta, e eu sou uma pessoa que gosto de falar muito”. Percebe-se o quanto isto provocou um sentimento de frustração e solidão, fazendo com que cogitasse retornar ao seu país.

Apesar de demonstrar a todo instante o apreço e gratidão que sente pelo Brasil, também deixa claro o desejo de continuar imigrando, mas para um país europeu, em que teria melhores condições de vida. Percebe-se que essa ambição a acompanhou desde que saiu da Venezuela, afinal, o Brasil nunca havia sido o destino, mas sim um trajeto que se tornou o ponto de chegada quando seu filho necessitou de cuidados especializados que puderam ser proporcionados no país graças ao Sistema Único de Saúde.

Luz sente muita dificuldade em continuar um raciocínio de insatisfação até o fim, visto o intenso sentimento de gratidão que possui ao Brasil. Ela frequentemente racionaliza suas insatisfações ao pensar em quantas pessoas existem que estão em uma situação pior que a dela. Quando se sente assim e tenta desabafar, conta que recebe duras críticas de pessoas a sua volta, o que a mantém nesse lugar de impossibilidade de expressão. Visualmente, Luz é uma mulher com aspecto jovem, vaidosa e alegre, o que se reflete no espaço que havia construído,

mas, até mesmo isso, para ela, adquiriu conotação negativa ao comparar seus privilégios com a miséria de muitos, refere que se sente materialista e egoísta.

Luz é uma mulher que fala repetidas vezes que era rica e não sabia, pois possuiu uma condição socioeconômica bastante diferenciada da maior parte dos refugiados que migram para outros países: era dona de uma franquía de lojas de móveis, possuía duas casas na Venezuela, alguns escritórios, e estava em processo de construção de apartamentos para alugar. Assim, o contraste entre o que foi e o que está se tornando causa sofrimentos consideráveis; ao se deparar com situações em que dependia da caridade dos outros, viu-se em uma situação emblemática em sua vida, que suscitou sentimentos de inconformidade: “Eu trabalhava e tinha uma loja de móveis, e o governo acabou com tudo isso. Então eu cheguei aqui, nunca que eu imaginei que com essa idade eu não teria nada. Eu cheguei aqui tinha as roupas que as pessoas me davam, veja, isso por mim é tranquilo, mas nunca que eu imaginei que colocaria uma roupa usada”.

Batalhadora, conta ter trabalhado desde cedo e por toda sua vida, pouco relatando momentos de ócio ou descanso. Ela fala com orgulho evidente, inclusive pela sua expressão facial, dos momentos gloriosos vividos em lugares de trabalhos nomeados “chiques”, tendo os outros empregos em contextos mais vulneráveis adquirido um caráter de caridade. Luz repete diversas vezes em todos os encontros o quanto é doloroso se perceber em um lugar (simbólico e concreto) tão diferente daquele que imaginava, como se ela tivesse construído uma vida totalmente planejada e ela tivesse sido arrancada sem aviso prévio.

Além disso, expressa tristeza ao recordar de situações extremas que vivenciou. Suas falas tornam evidente esse sentimento: “é uma mudança que fazemos, mas não porque queremos. Estamos aqui porque nossa situação política, econômica e social lá na Venezuela está difícil. Quando sai de lá, você não vai acreditar, mas tínhamos que fazer fila para comprar comida [...] a água é de graça, mas você pode passar sete ou oito dias sem”, “está tudo parado lá [...] depois tivemos que vender nossas coisas, porque não tínhamos dinheiro para comer”.

Dessa forma, é evidente o quanto sua trajetória profissional está passando por um momento de transformação completa em decorrência da imigração. Aliado a isso, percebe-se vivências de sofrimento pela impossibilidade de expressão de sua insatisfação diante disto, o que causa bloqueios inclusive em suas verbalizações à pesquisadora.

3.1 Sentido do Trabalho

Quando questionada, Luz aponta que o sentido do trabalho é, primordialmente, sua estabilidade. Nota-se o quanto isso pesa no lugar que dá ao emprego que possuía, pois almejava (re)construir sua vida, apesar das inúmeras perdas. A questão financeira e material, perceptivelmente, traz incômodos que ainda não conseguiram ser ressignificados.

Quando Luz ocupou uma posição formal no mercado de trabalho, antes e após a imigração, atrelava a esse emprego o lugar monetário. Por outro lado, com os trabalhos que desenvolveu e não tinham uma remuneração conforme o esperado para manutenção de seu padrão de vida, como o de professora infantil na Venezuela, conseguia se dedicar de forma bastante afetiva, sentindo necessidade de que, sempre que possível, pudesse fomentar a solidariedade. Há uma busca por conciliação entre esses dois lugares de sentido, na Venezuela trabalhava com crianças carentes, mas conta que fazia isso concomitantemente com a loja da qual era dona, o que permitia que ela direcionasse todo seu salário para auxiliar aqueles sujeitos, e isso trazia imensa satisfação social; já no Brasil, anterior à pandemia, citou o engajamento em voluntariados em uma Igreja que acolhe imigrantes, lugar ao qual atribui afetividade, gratidão e vontade de devolver toda a ajuda que recebeu quando recém havia chegado.

Percebia-se positivamente que havia conseguido conciliar ambos esses sentidos (estabilidade financeira e afeto) ao restaurante que possuía, ressignificação percebida ao longo do terceiro encontro. Esse espaço era fruto de vivências prazerosas e de sofrimento, porém, com o passar do tempo e adaptação, conseguia encontrar sentidos materiais (desejo que gerasse estabilidade e lucros) e afetivos (no contato com os clientes, desejo de dar o seu melhor, oferecer acolhimento aos clientes que a procuram e, até mesmo, tornando o restaurante um ponto de encontro aos novos venezuelanos que migram para a cidade).

A pandemia também provocou um impacto no lugar do trabalho em sua vida, pois adquiriu o sentido de dignificação humana, e seguiu aliado a uma ideia de estabilização econômica de forma muito mais significativa. Esse sentido impactou na saúde de Luz, pois ao sinalizar que o trabalho dignifica a vida, estando em uma situação de desemprego recente, acabou demonstrando diversas angústias e sentimentos de inquietação por não estar se mantendo produtiva: “ficar todo dia em casa, somente faço é comer. Fico muito ansiosa”.

3.2 Vivências de Prazer e Sofrimento no Trabalho

As vivências de Luz tornam evidente o prazer e sofrimento laboral ao longo de sua trajetória profissional, destacando-se o quanto a imigração e a pandemia foram marcos significativos que influenciaram em como se dava essa dinâmica. Chama-se atenção para o fato de que, durante a pandemia, Luz não conseguiu esboçar a percepção de nenhuma vivência de prazer. Evidencia-se que as proporções da influência da crise sanitária em seu cotidiano de trabalho foram desproporcionais quando comparado a outros momentos, adquirindo alta carga de sofrimento pelo medo de retornar a um espaço de precariedade como outra hora viveu, podendo-se pensar também na possibilidade de revivência traumática, além de se constituir como mais uma vivência de ruptura que colocou fim a um espaço de interação social, dignificação enquanto sujeito, e a seus sonhos de estabilidade profissional e econômica. A situação de desemprego como algo involuntário ao sujeito, atrelado a busca por inserções profissionais informais e precárias (subempregos), como objetivava com a entrega de comidas por aplicativos, também pode ser pensada como cristalizadores desse local de angústias e adoecimentos (RIBEIRO; 2009).

Porém, anterior a esse estopim, Luz esboçava algumas vivências de prazer, sendo elas: 1) Reconhecimento e Satisfação, 2) Autonomia, 3) Afetividade, 4) Retorno Financeiro. Nota-se que essas vivências se mostraram como constantes ao longo de sua vida, oscilando em sua intensidade.

O reconhecimento e a satisfação surgem como fatores conectados, pois, ao se sentir reconhecida socialmente pelos seus feitos, consegue se sentir satisfeita, ocupando um lugar digno diante da sociedade. O restaurante que possuía nem sempre foi proporcionador dessas vivências, mas conforme desenvolveu um elo com sua clientela (apoio dos clientes), isto foi se mostrando mais forte, processo semelhante ao que ocorreu quando se inseriu em espaços de educação na Venezuela (com crianças pequenas) e no Brasil (como professora autônoma de espanhol).

A autonomia surgiu como uma vivência recente. Luz coloca que ao trabalhar com sua família possuía certa dificuldade de se posicionar, inclusive em coisas que deveriam ser de sua decisão. Esse temor em se expor trazia sentimentos de irritação constante, desencadeando problemas de comunicação. Porém, ao longo das escutas, conseguiu repensar alguns lugares que ocupava, e assumir a postura de quem chefiava o espaço de trabalho. Assim, conseguir tomar decisões e saber que seriam respeitadas, foi percebido como uma vivência de prazer.

A afetividade surgiu aliada ao primeiro item discutido. Para ela, isso é um ponto chave em todos os trabalhos que desenvolve, porque acredita que é o seu diferencial enquanto ser humano. Para Luz, é primordial receber seus clientes de forma positiva e acolhedora, fa-

zendo com que se sintam bem em sua presença, ainda que tenha que guardar a escuridão para dentro de si, conforme seus dizeres.

E, por fim, coloca-se a presença da estabilidade/retorno financeiro como uma vivência de prazer. Atrela-se essa vivência a possibilidade de o trabalho ocupar um lugar que para ela é essencial: provimento para si e seus familiares.

Por outro lado, as vivências de sofrimento se fizeram presentes durante todo o percurso, oscilando em sua intensidade e ganhando mais destaque recentemente. Na pandemia, tornaram-se evidentes e intensas, demonstrando o quanto elas podem estar atreladas ao adoecimento psíquico quando não conseguem ser ressignificadas (seja por uma questão individual, coletiva ou social). Assim, surgem como vivências de sofrimento laborais: 1) Impotência, 2) Inexperiência, 3) Cansaço, 4) Inferioridade, 5) Desemprego.

A impotência surgiu especialmente relacionada a empregos anteriores, quando seu fazer profissional abarcava o cuidado de pessoas vulneráveis. Coloca que estar em contato com a miséria e como isto modificava as vidas de crianças e jovens foi algo bastante difícil de ser suportado, sendo um dos porquês de optar por trabalhar em outros nichos. Percebia-se impotente e insuficiente diante dessas situações, porque não conseguiria modificá-las de forma individual, ao serem questões macrossociais.

A inexperiência era uma das vivências de sofrimento que se faziam notórias quando iniciou o trabalho como cozinheira e dona de restaurante, ramo completamente diferente daqueles que atuou em sua vida. O mesmo ocorreu quando, logo após migrar, precisou trabalhar no cuidado a idosos como forma de inserção profissional, já que tinha sido o único emprego informal ofertado a ela, juntamente com limpeza doméstica. Ela discursa sobre o sofrimento físico e psíquico provocado pela falta de técnica em alguns espaços profissionais, chegando a mostrar em um espaço de escuta os braços marcados por queimaduras: “Inicialmente me sentia bastante cansada, não estava acostumada a trabalhar assim, eu passo o dia todo aqui, e então, olha, eu nunca tinha feito comida para a rua, olha as minhas mãos, o como eu me queimei”.

Não distante, também traz o cansaço de uma rotina exaustiva e repetitiva como situações desconfortáveis. Quando inserida profissionalmente, chegava a trabalhar até mesmo doze horas diárias sem descanso. Percebe-se que por muitas oportunidades, esse foi um padrão de Luz, em uma constante busca por melhoria de seu fazer e de seus espaços profissionais.

O sentimento de inferioridade, ainda que não tenha sido assim nomeado por ela, é uma lembrança incômoda a Luz. Há a percepção de que a certas nacionalidades de estrangeiros, como venezuelanos, há um estreito nicho de quais empregos se ofertam no Brasil. Como uma

mulher venezuelana, recebeu propostas de atuação no ramo de cuidados de idosos e limpeza, e, por suas falas, percebe-se que isto está diretamente relacionado a não aceitação pela nova condição de vida, e uma indignação pelo não reconhecimento de sua trajetória. Esses achados que refletem a cisão de ofertas e precarizações laborais, corroboram com a pesquisa de Eberhardt e Miranda (2017), que colocam o baixo número de pesquisas científicas que abarquem esses constructos.

Por fim, coloca-se o desemprego como a maior vivência de sofrimento presente nesse momento. Sabe-se que essa é uma situação que pode desencadear em diversos sentimentos de insatisfação, frustração, desvalorização social e outros, interferindo na saúde psíquicas daqueles em situação de desemprego, e com a possibilidade de causar sintomas mais agravados (PINHEIRO; MONTEIRO, 2007), o que não foi diferente com Luz.

3.3 Estratégias de Mediação

Os discursos de Luz permitem a compreensão da utilização de três grandes estratégias de mediação: 1) Racionalização, 2) Negação, e 3) Solidariedade e Apoio. Entende-se que as duas primeiras atuam de forma defensiva, porque não proporcionam a ela um espaço de resignificação do sofrimento, visto que não consegue sequer discursar sobre ele, dada a intensa carga emocional que os permeiam. Por outra via, a utilização da estratégia de solidariedade e apoio é percebida como de enfrentamento, porque consegue encontrar vias mais saudáveis de encerrar a dura realidade que por vezes se impõem, agindo de forma solidária, assim como permitindo a aproximação e apoio de sua rede de amigos e familiares.

A racionalização foi percebida como o mecanismo de defesa mais utilizado por Luz. A cada situação de sofrimento relatada, havia um desvio evidente no relato quando começa a se dar conta de que está fazendo lamentações, e justifica das mais diversas formas: “Deus sabe o porquê faz isso”, “Às vezes eu penso e me sinto assim, ai meu Deus, com essa idade eu pensava que estaria bem, entende? Então não sei. Estou bem, tenho saúde”, “[...] porque têm pessoas em situações mais difíceis, muito mais difíceis”.

Junto a isso, a negação também se faz presente como uma defesa ao não conseguir dar conta da imensidão de seu sentimento. Percebe-se que esse movimento se caracteriza como uma estratégia defensiva, pois procura evitar o confronto com essas sensações, ignorando-as. Isto fica bastante evidente quando atribui qualidade às experiências que teve na Venezuela quando questionada sobre elas na construção da linha da vida laboral, sem distinção até mesmo daquelas que havia verbalizado não terem sido tão agradáveis, e quando ao se solicitar que

fizesse o mesmo sobre as experiências no Brasil, não conseguia verbalizar insatisfações que em outros momentos deixou evidentes, esquivando-se dessa pergunta e mudando o foco, mas concluindo que não poderia atribuir um lugar ruim para isto. Outra situação semelhante ocorre quando relata que guarda os sentimentos ruins, pois os clientes não podem perceber que não está bem.

De forma distinta, a solidariedade e o apoio foram percebidos como uma forma importante de transformação do sofrimento, possibilitando que se tornasse prazer e reconhecimento social. Sinaliza-se a importância adquirida em sua vida na época que lecionava em escolas carentes, quando buscou como estratégia de enfrentamento de suas angústias a caridade, ainda que com recursos próprios. Algo semelhante também se percebe no desejo que possuía de transformar seu restaurante em um ponto de encontro que conseguisse auxiliar novos refugiados que chegam à cidade. Recentemente, com a COVID-19, coloca a presença de sua família como uma forma essencial para diminuição do sofrimento, especialmente a de seu filho.

3.4 Aspectos relacionados à saúde

Luz relata que a experiência da migração forçada a fez mudar consideravelmente, tamanha a ruptura ao deixar toda sua vida estruturada para trás. As questões específicas ao trabalho, quando inserida profissionalmente, tomavam o mesmo direcionamento, principalmente por considerar o trabalho como uma segunda casa quando não a primeira pelo tempo que passava no ambiente.

Ademais, coloca-se que ela própria percebe a necessidade de busca de apoio psicológico, o que foi indicado pela pesquisadora em duas oportunidades. Luz se via como uma pessoa que estava “legal”, sentindo-se bem, porém agora fica se questionando se precisa ver um psicólogo, pois está em sofrimento, especialmente com os desdobramentos da pandemia.

Ela conta que costuma ficar chateada por qualquer coisa, e consegue ter a percepção de que é algo que vem dela e não dos outros. Sente angústias, e parece que muito disto pode se relacionar tanto ao fato de estar se sentindo presa ao Brasil – o que ocasiona o sentimento de culpa porque foi por estar nesse país que seu filho conseguiu tratamento -, quanto à inconformidade pelas mudanças que ocorreram. “Às vezes é luz para a rua e escuridão para dentro, como eu te disse [...] sempre vivo chateada, tudo me chateia [...] não sei o que me acontece, acho que é uma mistura de tudo, uma mistura de inconformidade”.

Cansaço também foi uma palavra que ganhou destaque ao longo dos encontros, pois surgiu diversas vezes, especialmente quando contava sobre o período de adaptação do restau-

rante, em que refere sentir um esgotamento muito grande, dormindo o tempo todo. Na época, apontava sentimentos de irritação com todos ao seu redor, dizendo estar constantemente brava e, ao ser questionada sobre felicidade relacionada ao trabalho, não respondia nada, novamente desviando da pergunta, até afirmar: “ainda não me traz felicidade, não posso dizer que estou feliz, mas agora me sinto melhor, mais adaptada, porque eu nunca tinha cozinhado para a rua”. Luz conta que tenta dar conta de sentimentos incômodos descansando mais e saindo com os familiares, tendo momentos de prazer e promoção de saúde.

Ao recordar do começo de sua trajetória no Brasil, diz que se sentiu muito sozinha e essa solidão fez com que não tivesse vontade nem mesmo de sair de casa. “Não quero viver assim sempre, entende, eu quero arrumar essa parte da minha vida, e eu me sinto luz para a rua e escuridão para a casa. Não sinto vontade de sair de casa, não sinto vontade de sair da cama, não quero ver ninguém, nem ir ao banheiro ou tomar um banho. Essa parte da minha vida, todas essas coisas, eu sinto que me afeta, me afeta esse sentimento [...] penso que sempre será a mesma coisa, eu penso que pode ser isso [...] mas não me afeta, faço as coisas com carinho, atendo os clientes e penso que estou aqui e escolhi isto”. Percebe-se que no início dos encontros relatou percepções sobre sua saúde bastante preocupantes, as quais foram se amenizando com espaços de escuta, mesmo assim ela foi encaminhada a atendimento psicológico. Com a pandemia, esses relatos se tornaram mais graves e persistentes, evoluindo para o que foi considerada uma sintomatologia depressiva dada a intensidade dos sintomas e persistência.

A pandemia desencadeou em um maior isolamento que foi muito além do cuidado pela não disseminação do vírus. Além disso, demonstrou estresse, ansiedade, humor deprimido, pensamentos catastróficos, alteração no apetite e sono, e outros. Ressalta-se que esse enunciado não pretende patologizar uma experiência tão singular quando a vivida pela participante, ainda mais quando se analisa o contexto macrossocial em que esse relato toma forma, porém há necessidade de se atentar para os sofrimentos expressos e formas de auxílio a Luz e tantos outros em situação semelhante: “Se tem um trabalho, uma renda, recebe dinheiro, você pode aguentar e fazer qualquer coisa, agora se está em casa, sem receber nada, sem dinheiro, você fica louco mesmo”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa experiência foi percebida como positiva tanto em aspectos práticos quanto teóricos. As escutas proporcionadas a Luz, com a criação de um espaço seguro em que pudesse

expor seus sentimentos após a criação de um vínculo baseado no respeito às interseccionalidades presentes, foi essencial para que se estimulasse a reflexão acerca das vivências migratórias aliadas a seu trabalho, inclusive durante uma pandemia ainda em curso. Apesar de ela estar em uma condição bastante diferenciada daquela que boa parte dos imigrantes e refugiados se encontram, demonstrou vivências carregadas de perdas e sofrimento, evidenciando o quanto esse espaço se fez necessário para que compartilhasse suas histórias, angústias, e para que conseguisse perceber que necessitava de auxílio de um psicólogo.

Assim, entende-se a palavra como um dispositivo transformador que, em aspectos teóricos, fez com quem emergissem diversas particularidades que profissionais que atuam no campo da migração e da Rede de Atenção Psicossocial necessitam estar atentos. As vivências de sofrimento laborais expostas pela participante, a sua situação de desemprego, originada pela pandemia, assim como a parca diversidade de estratégias de mediação, apontam para caminhos possíveis e necessários para um cuidado que compreenda a saúde em sua integralidade, sem desvinculá-la de algo que é central ao ser humano: o trabalho. Logo, percebe-se a importância da discussão da tríada saúde mental-trabalho-migração para adequada qualificação de profissionais que atuam no cuidado a essas pessoas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Z. **Estranhos à Nossa Porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, 117p.

CÁ, V. I. V.; MENDES, J. M. R. **A situação juslaboral de imigrantes senegaleses em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Política Social e Serviço Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 118p. 2019. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/212276>>. Acesso em: 04 out. 2021.

COSTA, S. H. B. Sentido do Trabalho. In: VIEIRA, F. de O. et al. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

DEJOURS, C. **Psicodinâmica do trabalho: casos clínicos**. Porto Alegre: Dublinense, 2017..

EBERHARDT, L. D.; MIRANDA, A. C. de. Saúde, trabalho e imigração: revisão da literatura científica latino-americana. **Saúde em Debate** [online], v. 41, n. spe2, 2017. ISSN 2358-2898. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-11042017S225>>. Acesso em: 20 set. 2021. <https://doi.org/10.1590/0103-11042017S225>.

FERREIRA, J. B.; MACÊDO, K. B; MARTINS, S. R. Real do Trabalho, Sublimação e Subjetivação. In: MONTEIRO, J. K.; VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M. **Trabalho e Prazer: Teoria, Pesquisas e Práticas**. Curitiba: Juruá Editora, 2015.

FREITAS, L. G.; AUGUSTO, M. M.; MENDES, A. M. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa. **Psicologia Em Revista**, v. 20, n. 1, p. 34-55, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.5752/p.1678-9523.2014v20n1p34>>. Acesso em: 20 set. 2021.

HENRICH, P.; MONTEIRO, J. K. “**Eu esperava mais do Brasil**”: Vivências no trabalho de imigrantes e refugiados alocados no Sul do Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2018.

LANCMAN, S.; UCHIDA, S. Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, [S. l.], v. 6, p. 79-90, 2003. DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v6i0p79-90. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25852>>. Acesso em: 04 out. 2021.

LEÃO, L. H. da C. et al. Migração internacional, saúde e trabalho: uma análise sobre os haitianos em Mato Grosso, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública** [online], v. 33, n. 7, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00181816>>. Acesso em: 20 set. 2021.

MENDES, A. M. **Psicodinâmica do Trabalho: Teoria, Método e Pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MENDES, A. M.; ARAUJO, L. K. R. **Clínica Psicodinâmica do Trabalho: O sujeito em ação**. Curitiba: Juruá Editora, 2012.

PRADO, M. F. do et al. Análise da subnotificação de COVID-19 no Brasil. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva** [online], v. 32, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.5935/0103-507X.20200030>>. Acesso em: 04 out. 2021.

PINHEIRO, L. R. S.; MONTEIRO, J. K.. Refletindo sobre desemprego e agravos à saúde mental. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 35-45, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172007000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 out. 2021.

RIBEIRO, M. A.. Estratégias micropolíticas para lidar com o desemprego: contribuições da psicologia social do trabalho. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 331-346, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2009000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 out. 2021.

RODRIGUES, I. A.; CAVALCANTE, J. R.; FAERSTEIN, E.. Pandemia de Covid-19 e a saúde dos refugiados no Brasil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva** [online], v. 30, n. 03, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300306>>. Acesso em: 20 set. 2021.

SILVA, G. J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; MACEDO, M. **Refúgio em Números**, 5ª Ed. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: OBMigra, 2020.

TOLFO, S. da R. Significados e Sentidos do Trabalho. *In*: BENDASSOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. **Dicionário de Psicologia do Trabalho e das Organizações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

UNHCR. **Global Trends: Forced Displacement in 2020**. 2020. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/flagship-reports/globaltrends/>>. Acesso em: 20 set. 2021.

VON BOROWSKI, S. et al. Mobilização subjetiva e estratégias defensivas de trabalhadores metalúrgicos à luz da Psicodinâmica do Trabalho. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v. 35, n. 88, dez. 2017. ISSN 1980-5942. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23360>>. Acesso em: 04 out. 2021. doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.35.88.AO01>.